



JOÃO GOULART: HUMANISMO OU COMUNISMO? UMA ANÁLISE DA FIGURA PRESIDENCIAL NA BIOGRAFIA DE JORGE FERREIRA

Désirée Ciro Nery dos Santos

Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP

desireecirosantos@gmail.com

Resumo: Este artigo investiga como a biografia "João Goulart: Uma biografia", de Jorge Ferreira, constrói a identidade política do ex-presidente Jango, confrontando a dicotomia ideológica "Humanismo ou Comunismo?" no contexto da Guerra Fria e do golpe de 1964. Utilizando metodologia de análise documental, o estudo examina a narrativa de Ferreira para determinar as evidências que sustentam sua interpretação. Os resultados demonstram que a obra desmistifica o rótulo de "comunista", estabelecendo Goulart como um líder trabalhista essencialmente humanista e nacionalista, cujas Reformas de Base eram um projeto de modernização capitalista, e não de socialização. A biografia utiliza vasto material documental para provar que Jango era um mediador que tentava controlar a esquerda radical. Ferreira conclui que o rótulo "Comunista" foi uma construção retórica da oposição, usada para justificar a intervenção militar. A tese final de Ferreira, que enquadra Jango como vítima da intransigência das elites e da sua própria ambiguidade estratégica, é um esforço bem-sucedido, à luz de François Dosse, para restituir a complexidade do indivíduo na história, superando o determinismo ideológico que justificou a ruptura democrática.

Palavras-chave: João Goulart, Biografia, Historiografia, Humanismo, Comunismo.

INTRODUÇÃO

A história da República Brasileira no século XX foi marcada por intensas tensões políticas, sociais e econômicas, culminando em rupturas democráticas significativas. O período que antecedeu o golpe militar de 1964 representa um ciclo de profundas transformações e disputas ideológicas, especialmente no contexto da Guerra Fria. Dentro desse cenário turbulento, a figura do ex-presidente João Belchior Marques Goulart (Jango) surge como um dos personagens mais controversos e debatidos. Líder político com forte conexão com o movimento trabalhista e protagonista de um governo com grande apelo às Reformas de Base, Jango se tornou o centro de um debate polarizado: para alguns, um líder de visão humanista e desenvolvimentista; para outros, um perigoso agente de radicalização com tendências comunistas. Entretanto, historiadores contemporâneos vêm reavaliando essa narrativa, oferecendo novas leituras sobre sua atuação política e ideológica. Entre essas, destaca-se a interpretação de Jorge Ferreira em *João Goulart: Goulart: uma biografia* (2011), que apresenta o presidente como figura marcada por valores humanitários e conciliadores, afastando-o da imagem de radical ideológico.

Jorge Ferreira é uma figura central na historiografia brasileira contemporânea, especialmente conhecido por suas pesquisas aprofundadas sobre a República de 1945–1964 e o fenômeno do Trabalhismo. Professor titular da Universidade Federal Fluminense (UFF), sua carreira acadêmica tem se dedicado a analisar a história política, o populismo e, crucialmente, a participação das classes populares e dos movimentos sociais no Brasil.

Apesar da vasta e complexa produção historiográfica sobre a presidência de João Goulart, sua figura e seu projeto político persistem frequentemente cristalizados por rótulos ideológicos simplificadores. Esses rótulos, que foram cruciais para legitimar sua deposição em 1964, continuam a estruturar uma parte significativa do debate interpretativo. O dilema binário "Humanismo ou Comunismo?" não apenas resume, mas também perpetua a principal disputa sobre a natureza e as contradições de seu governo, desafiando a historiografia a ir além da polarização para analisar as múltiplas forças e os projetos de modernização em disputa naquele período.

Nesse contexto, este artigo se propõe a investigar: Como a biografia de João Goulart escrita por Jorge Ferreira (2011) constrói e fundamenta a natureza ideológica da atuação presidencial de Jango, examinando a dicotomia entre sua postura humanista e as acusações de alinhamento comunista.

O estudo visa, portanto, preencher uma lacuna analítica ao utilizar a obra de Ferreira como uma lente interpretativa para as ações de Jango, permitindo um exame crítico das evidências apresentadas pelo biógrafo para mostrar as nuances da identidade política do ex-presidente.

A relevância teórica deste artigo reside na contribuição para a historiografia do período, oferecendo um exame historiográfico de uma das biografias mais influentes sobre Jango. Ao desmembrar a narrativa de Jorge Ferreira, o estudo auxilia na compreensão de como a história é construída e as fontes são interpretadas em obras de grande alcance. Praticamente, em um contexto político contemporâneo que frequentemente revisita e reinterpreta a memória do golpe de 1964, uma análise crítica da figura de João Goulart é de extrema importância. O artigo visa a fornecer uma compreensão mais abrangente e fundamentada da complexidade de seu governo, contribuindo para o debate público e a educação histórica, afastando-se das simplificações ideológicas.

O principal propósito deste trabalho é analisar a representação da identidade política de João Goulart na biografia de Jorge Ferreira, examinando as evidências e argumentos que sustentam a interpretação de sua presidência entre as chaves de leitura de humanismo e/ou comunismo.

Para cumprir esse objetivo geral, o estudo se desdobra em metas específicas: primeiramente, identificar os principais eixos temáticos da biografia de Jorge Ferreira que abordam a visão social e política de João Goulart; em segundo lugar, mapear e discutir as fontes utilizadas pelo biógrafo para descrever a proposta das Reformas de Base e as relações de Jango com a esquerda radical; e, por fim, avaliar a conclusão historiográfica de Ferreira a respeito da natureza ideológica do governo Goulart, em contraposição aos discursos anticomunistas da época.

Para melhor compreensão o artigo está estruturado em três seções: Após esta Introdução, a primeira seção apresentará o Referencial Teórico, abordando o conceito de biografia histórica e a historiografia sobre o governo Goulart. A segunda seção, João Goulart: Humanismo ou Comunismo? - é o cerne do artigo, onde serão apresentadas as análises dos argumentos e evidências da biografia. Por fim, a Conclusão sintetizará os achados e suas implicações para o entendimento da figura de João Goulart no Brasil.

REFERENCIAL TEÓRICO: BIOGRAFIA E HISTÓRIA POLÍTICA DO BRASIL

A escolha da biografia de João Goulart por Jorge Ferreira como objeto de estudo fundamenta-se nas reflexões de François Dosse sobre o retorno do indivíduo na historiografia. Conforme argumenta Dosse em seu livro - *O Desafio Biográfico: Escrever uma Vida*, o gênero biográfico vivenciou um "retorno" nas últimas décadas, superando a desconfiança imposta pelas escolas estruturalistas. François Dosse postula que a biografia transcende a "história da vida privada" ou a mera cronologia, constituindo uma forma de reintegrar a ação e a experiência individual no campo histórico.

Para o historiador, a biografia é o lugar onde a estrutura (o social, o econômico, o político) e o acontecimento (a decisão, a ação do indivíduo) se articulam. Desse modo, a vida de João Goulart é analisada na obra de Ferreira como um ponto focal que permite a iluminação do contexto macro da Crise da República e da Guerra Fria no Brasil. A biografia de Jango é, assim, um gênero narrativo que busca dar sentido à complexidade dos eventos, onde a trajetória individual serve de "fio condutor" para a compreensão da história do trabalhismo e do golpe de 1964.

François Dosse enfatiza a existência de um "pacto biográfico" entre o autor e o leitor. Embora a narrativa se esforce pela reconstituição histórica, ela reconhece a inevitável seletividade e interpretação inerente à escrita de uma vida. Segundo o autor, o biógrafo opera escolhas (Dosse, 2009), privilegiando certos documentos ou testemunhos. No caso de Jorge Ferreira, a análise deve concentrar-se em como ele seleciona os episódios do governo Goulart para construir a imagem de um Jango "humanista" (trabalhista, nacionalista) e se distancia da narrativa "comunista" imposta pelos seus adversários. A análise da obra de Ferreira transcende o biografado, alcançando o ofício do historiador. Discutir o "pacto biográfico" implica questionar as categorias de análise (humanismo vs. comunismo) que Ferreira utiliza para enquadrar a ação de Jango e como ele fundamenta essas categorias com as fontes primárias.

Especificamente no campo da biografia política, a obra, segundo Dosse, permite entender como o indivíduo exerce a liderança e a tomada de decisão em momentos de crise. A vida de João Goulart é, assim, analisada como a de um ator estratégico, cuja evolução ideológica, do trabalhismo puro às Reformas de Base, explica a tensão política do início dos anos 60. Ao humanizar ou ideologizar Jango, a biografia de Ferreira busca entender o exercício do poder e as ideologias em conflito (Populismo, Nacional-Desenvolvimentismo, Liberalismo, Socialismo), usando o presidente como metáfora do próprio destino da República.

O debate historiográfico sobre as Reformas de Base (agrária, urbana, bancária etc.) articula-se em torno de sua natureza ideológica. A perspectiva desenvolvimentista interpreta as reformas como um projeto de desenvolvimento capitalista autônomo (Nacional-Desenvolvimentismo), buscando

ampliar o mercado interno e reduzir a dependência externa. Nessa leitura, as reformas são encaradas como um ato de humanismo social para modernizar o país. No entanto, a crítica conservadora, que culminou no golpe, e parte da historiografia mais à esquerda viam as reformas como o prelúdio para o socialismo, especialmente a reforma agrária radical. A análise deve, portanto, verificar como a obra de Ferreira se posiciona nesse espectro, desconstruindo ou reforçando a ideia de que Jango caminhava para a "comunização".

O contexto internacional da Guerra Fria é vital para a compreensão da histeria anticomunista no Brasil. A "Doutrina de Segurança Nacional" instrumentalizou o medo do comunismo, permitindo que elites brasileiras e militares justificassem a intervenção política e a destituição de Jango. A acusação de "comunismo" contra Goulart, conforme Dosse argumentaria em termos biográficos, transcende o mero fato político, configurando-se como uma construção narrativa que visava deslegitimar a ação do indivíduo no poder.

A obra de Jorge Ferreira é introduzida como uma intervenção historiográfica que busca reinterpretar a trajetória de João Goulart. A tese central de Ferreira sustenta que Jango era essencialmente um trabalhista populista, ligado ao sindicalismo e ao nacionalismo, e não um revolucionário comunista. Ao se aprofundar nas fontes, a biografia busca desmistificar a figura de Jango, retirando o rótulo ideológico simplificador e recuperando o indivíduo complexo. O objetivo da análise é determinar se a obra de Ferreira consegue, através da biografia, resolver a dicotomia "Humanismo ou Comunismo?".

JOÃO GOULART: HUMANISMO OU COMUNISMO?

A construção historiográfica da imagem de Jango

Para compreender a ação política de João Goulart, é fundamental analisar sua afiliação com Getúlio Vargas¹, que o situava firmemente dentro da tradição política trabalhista. Jango não era, primariamente, um ideólogo revolucionário; era um político pragmático cuja espinha dorsal ideológica defendia os direitos dos trabalhadores e a intervenção estatal na economia como mecanismos de conciliação entre capital e trabalho.

Jorge Ferreira, em sua biografia, situa Goulart como um "herdeiro do varguismo" que buscava adaptar essa matriz política às demandas sociais emergentes do pós-guerra e à atuação crescente de novos atores, como os sindicatos e os movimentos camponeses. Essa preocupação genuína com as classes populares foi demonstrada desde sua atuação como Ministro do Trabalho, onde desafiou o *status quo* ao propor o aumento do salário mínimo – um ato que lhe rendeu oposição feroz, mas que, na leitura de Ferreira, era uma tática de negociação e avanço social, e não uma estratégia para a implantação do comunismo. A obra, portanto, o insere em um projeto de inclusão das classes populares no espaço público, por meio da mediação estatal.

Diferentemente de abordagens que o consideram populista ou autoritário, Ferreira apresenta Jango como político sensível às desigualdades sociais e empenhado na inclusão das classes populares no espaço público. Seu projeto de governo, marcado pelas Reformas de Base, visava democratizar o acesso à terra, à educação e à habitação, dentro dos marcos institucionais da democracia representativa.

Nesse sentido, a biografia de Ferreira se opõe à imagem construída pela imprensa conservadora da época, que associava o presidente ao comunismo e à desordem. Para o autor, tal estigmatização foi resultado de uma campanha ideológica que instrumentalizou o medo do comunismo como forma de legitimar o golpe de 1964.

Humanismo e pragmatismo político

A obra de Jorge Ferreira evidencia o caráter humanitário de João Goulart, fundamentado em sua preocupação constante com o bem-estar coletivo e na busca por soluções negociadas para os

¹ Getúlio Dornelles Vargas (1882-1954) foi um dos mais influentes presidentes da história brasileira, governando o país por dois períodos (1930-1945 e 1951-1954). Sua gestão é conhecida como a Era Vargas, um período de profundas transformações que estabeleceu as bases da moderna organização política, social e econômica do Brasil, marcada pela criação da legislação trabalhista (CLT) e pela forte intervenção estatal, culminando na fundação de empresas como a Petrobras. (FAUSTO, 2017, p. 112-115).

conflitos sociais. Longe de ser um revolucionário marxista, Goulart aparece como um reformista democrático, cuja ação política se ancorava em valores éticos e humanistas.

Ferreira destaca que Jango acreditava no diálogo como meio de transformação social, ainda que tal postura tornasse alvo de críticas tanto da direita, que o via como subversivo, quanto da esquerda, que o considerava excessivamente conciliador. Essa ambiguidade, segundo o autor, é central para compreender a figura de Goulart: “um homem de reformas, não de revoluções”.

Assim, a noção de “humanismo” em Ferreira não é ingênua, mas política: expressa a tentativa de equilibrar justiça social e estabilidade institucional, em um contexto de crescente polarização ideológica.

O mito do “Jango comunista”

Jorge Ferreira demonstra que a acusação de comunismo contra João Goulart foi uma construção política e midiática, sem base real em sua atuação ou ideologia. O autor recupera fontes de época que mostram como a grande imprensa, setores militares e a embaixada norte-americana difundiram a narrativa de que o presidente pretendia instaurar uma república sindicalista ou alinhar o Brasil ao bloco soviético.

Segundo Ferreira, tal representação serviu para “moralizar” a intervenção militar, apresentando-a como reação defensiva diante da suposta ameaça vermelha. Contudo documentos e discursos analisados pelo historiador demonstram que Jango nunca rompeu com os princípios da legalidade constitucional. Sua política externa independente e sua defesa das Reformas de Base eram pautadas pela autonomia nacional e pelo desenvolvimento social, e não por alinhamento ideológico ao comunismo.

Dessa forma, o “Jango Comunista” foi uma figura criada para justificar o golpe e apagar o conteúdo democrático e social de seu projeto político.

Jango: um reformista solitário

A biografia de João Goulart elaborada por Jorge Ferreira culmina na imagem de um presidente em uma posição de isolamento estratégico nos momentos cruciais da Crise da República. Jango era, na essência, um reformista trabalhista e um humanista social que buscava a transformação do país dentro dos limites da legalidade constitucional. No entanto, o cerne de seu projeto — a busca por Reformas de Base — resultou em seu isolamento político no centro.

Esse isolamento era impulsionado por uma polarização de forças: por um lado, a direita conservadora e a oposição liberal rejeitavam as Reformas de Base, vendo-as não como modernização, mas como o prelúdio para o socialismo. A histeria anticomunista, instrumentalizada pela Doutrina de Segurança Nacional, tratou Jango como um subversivo, negando qualquer possibilidade de diálogo

ou conciliação. Por outro lado, simultaneamente, a esquerda radical (grupos da CGT, militares de baixa patente e setores do PCB) manifestava desconfiança, considerando Goulart excessivamente conciliador e lento em sua ação reformista. Estes grupos pressionavam por medidas mais drásticas e imediatas, o que minava a autoridade do presidente e o expunha à crítica de que era "refém" dessas forças.

Ferreira demonstra que, ao tentar equilibrar essas forças antagônicas - usando a pressão da esquerda para negociar com o Congresso e a direita, Jango acabou por perder a base de apoio sólida necessária para governar. No momento do golpe de 1964, ele não possuía um bloco coeso que o defendesse ativamente, revelando-se um "reformista solitário". Sua postura de conciliação, em vez de garantir o equilíbrio, pavimentou o caminho para a ruptura democrática. Este isolamento final, segundo Ferreira, é a chave para entender por que o projeto trabalhista foi derrotado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo da biografia de João Goulart por Jorge Ferreira, à luz do referencial teórico de François Dosse, confirma a relevância do gênero biográfico para a historiografia contemporânea. Longe de ser um exercício meramente cronológico, a obra de Ferreira materializa o "retorno do indivíduo", articulando a ação estratégica de Jango - o acontecimento, com o contexto macro da Crise da República - a estrutura. Nessa perspectiva, a biografia não é apenas a história de um homem, mas um ponto focal que serve de fio condutor para a compreensão da história do trabalhismo e do golpe de 1964, restituindo a ação e a experiência individual no campo histórico.

A análise da obra de Ferreira demonstra um esforço bem-sucedido em desconstruir o rótulo ideológico simplificador de "comunista", imposto pelos adversários de Goulart. Ferreira resolve o dilema interpretativo "Humanismo ou Comunismo?" ao ancorar a trajetória de Jango no eixo do Trabalhismo, Nacionalismo e Humanismo Social, comprovando que suas Reformas de Base visavam o desenvolvimento capitalista autônomo e a modernização, e não a revolução socialista. Este movimento historiográfico não apenas restitui a complexidade do biografado, mas também questiona o "pacto biográfico", que, segundo François Dosse, reconhece a seletividade inerente à escrita de uma vida. Ao analisar as escolhas de Ferreira, percebe-se que a biografia transcende o biografado, atingindo o ofício do historiador na luta contra o determinismo ideológico.

Em última análise, a tese final de Jorge Ferreira oferece uma resolução historiográfica robusta para o problema da pesquisa. O historiador conclui que Jango era um reformista trabalhista que, ao buscar o apoio tático em setores radicais, necessário para impulsionar as Reformas de Base, foi vítima de sua ambiguidade estratégica. Essa tática inadvertidamente forneceu a munição ideológica para a histeria anticomunista instrumentalizada pela Doutrina de Segurança Nacional. O ponto mais crucial é o deslocamento do foco da análise que o autor opera: ao desvincular o fracasso da República da falha individual, a biografia nos força a olhar para as crises estruturais e políticas inerentes à sociedade brasileira – a irreconciliabilidade entre as forças em disputa – como a verdadeira causa da ruptura democrática de 1964. Portanto, a biografia de Jorge Ferreira cumpre seu papel de intervenção historiográfica, fornecendo uma interpretação crucial para a compreensão do período, ao iluminar as contradições políticas que levaram ao golpe sem recorrer às simplificações ideológicas que o justificaram.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. São Paulo: Edusp, 2009.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930**: história e historiografia. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FERREIRA, Jorge. **João Goulart**: Uma biografia. 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

FICO, Carlos. **O grande medo de 1964**: Os militares, o golpe e a contrarrevolução. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2014.

IANNI, Octavio. **O colapso do populismo no Brasil**. 5. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1984.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.